

Superaquecidas

Como um irrevogável e cruel imperativo da vida contemporânea, o cansaço paira sobre nossas cabeças - e corpos, integralmente - feito uma espessa nuvem de poeira e fervor. Ainda que seja preciso, evidentemente, levar em conta as inúmeras fissuras socioeconômicas que seccionam a sociedade brasileira (para falar apenas das bandas de cá, diga-se), a esfera do trabalho tornou-se, inegavelmente, um verdadeiro estorvo a ser arrastado diariamente pela vasta maioria dos cidadãos adultos mundo afora. Voltemos às diferenças que nos separam - não sejamos tolos. Nem todos trabalham e nem todo trabalho responde à mesma lógica ou dinâmica, sabemos. Mas, à luz de uma era que se espreme e sobrevive repugnantemente dentro do cadáver do dito pós-capitalismo, o trabalho, há muito, extrapolou as fronteiras bem demarcadas de escritórios, ambientes comerciais e afins.

Estamos trabalhando a todo momento, isto é um fato. Do inevitável instante em que checamos as supostamente “imprescindíveis” notificações de nossos *smartphones* logo ao acordarmos até a derradeira hora em que declaramos encerrada a jornada hercúlea de mais um dia veloz no ecossistema digital que habitamos, estamos a trabalhar. Raramente paramos e pausamos nossos cérebros e corpos que, compreensivamente, passam a estranhamente assemelham-se: esqueletos atrofiados embolados em sinapses de fios *wireless*. Confusão e angústia, *fear and loathing*, a nos tomar por completo; nós, dóceis estruturas humano-robóticas a servir obedientes as máquinas que – vejam, que curioso!?! – nós mesmos criamos. Ou *elas* criaram, vá lá, na escuridão infinda dos vales dos silícios e silêncios, onde o tempo 24/7 é o único regime possível.

Evidências e ironias à parte, **Superaquecidas**, primeira exposição individual de Sofia Caesar na Galeria Cavallo, no Rio de Janeiro, investiga tais fenômenos de maneira singular, através de chaves de leitura e amplitudes críticas um tanto peculiares e em nada *piegas*. O que Caesar nos apresenta é um contundente conjunto de trabalhos que versam sobre a questão dorsal de sua pesquisa e prática artística: o corpo. Em seus mais diversos estados e modulações - atividade/passividade, ação/ócio e afins - a artista investiga articulações insuspeitadas, por exemplo, entre o corpo e a tecnologia - relações que, mesmo que despercebidamente, estamos a exercer constantemente em nossas vidas cotidianas.

Na videoinstalação que dá título à mostra, quatro monitores de TV exibem, concomitantemente, pequenos filmes realizados pela artista em colaboração com performers e coreógrafas do Rio de Janeiro, remontando a sua própria formação no campo da dança. Se o quarteto de cenas nos parece, à primeira vista, retratos instantâneos do cotidiano, gradualmente passamos a testemunhar uma situação limítrofe, catártica. Tomadas por um calor nauseante, cada uma das quatro mulheres - cada uma a seu tempo e ritmo - lentamente sucumbe a temperatura excessiva do ambiente doméstico em que se encontram trabalhando em seus computadores. Numa espécie de comunhão bizarra causada pelo torpor do aquecimento, vemos tanto os corpos humanos quanto as próprias máquinas performarem juntos uma errante coreografia de fusão e enlaçamento, um estranho bailado às avessas fruto da atração da energia térmica. Fusão e tesão, repulsa e temor: talvez o gosto amargo na boca de quem clama por uma gota d’água em meio ao deserto urbano de cimento, concreto e nuvens de *data*?

Há pelo menos duas décadas, sabemos, atravessamos (e somos atravessados por) inevitáveis mutações de efeitos nefastos, hoje sendo digeridas pouco a pouco por distintas esferas do pensamento contemporâneo. Do PC ao Macintosh, do Windows à Apple, dos iPhones aos medonhos relógios medidores de toda sorte de estímulos corporais, somos constantemente monitorados, vigiados e regulados por máquinas de toda sorte e tamanho. Cada vez mais sedutoras e esguias, em telas brilhantes cuja dimensão e cores extrapolam até mesmo a capacidade do aparato ótico humano. Em outras palavras: estamos *fodidos* e isto não é nenhuma novidade.

Mas não só deste vil diagnóstico alimenta-se a obra de Sofia Caesar. Em uma série de fotografias exibidas linearmente na segunda sala do espaço expositivo, é a própria artista quem busca, trôpega e ironicamente, diferentes posições possíveis para sentar-se diante de seu computador. Enfadada pelas horas absurdas que dependemos fixados nestas máquinas, Caesar assume posturas que ora beiram o contorcionismo ora evocam certa dimensão erótica. Afinal, o que queremos das máquinas? Afinal, o que elas querem de nós?

Entre a irresolução e a dúvida, talvez as obras da artista que mais apontem para um caminho libertador (?) sejam os móveis realizados a partir de fragmentos diversos de smartphones, as pequenas criaturas que teimam a habitar nossos bolsos, mãos, cabeceiras, ouvidos, cinturas e orifícios mais. (À medida que escrevo, aliás, pergunto-me onde está o meu, quais apitos ele pode ter exercido nesse ínterim da escrita, enquanto olho outra máquina, uma irmã mais velha e competente que o meu pequeno e perverso telefone móvel dos anos 2020).

Despedaçados, estraçalhados e - finalmente! - inúteis, os fragmentos diversos de diferentes modelos de aparelhos celulares pairam sobre o espaço pendendo de estruturas metálicas, algumas à altura de nossos olhos, outras quase suspensas como nuvens (vazias, enfim) sobre nossas cabeças. Aqui, não há um convite para que o corpo se relacione com estas peças, com estes aparatos eletrônicos agora em desuso e sem função alguma a desempenhar em nossas vidas. Olhamos para eles, quem sabe, com uma desconcertante nostalgia? Miramos silenciosamente em retrospecto nossas vidas, cérebros e corpos antes da hecatombe inescapável do mundo digital que hoje nos cerca e sufoca. Esboçamos pequenos sorrisos, talvez, diante destas obras.

Mas nada durará bastante - logo seremos interrompidos por algo a vibrar em algum canto de nossos esqueletos ou bolsas. Alô? Alô, alô, *marciano?* Oi! *Aqui quem (ainda) fala... errr... é da Terra!?*

Victor Gorgulho

Tradução:

As an irrevocable and cruel imperative of contemporary life, fatigue hangs over our heads – and bodies, in its entirety – like a thick cloud of dust and fervor. Although it is evidently necessary to take into account the numerous socioeconomic fissures that divide Brazilian society (to speak only of the bands from here, by the way), the sphere of work has undeniably become a real obstacle to be dealt with. dragged daily by the vast majority of adult citizens around the world.

Let's go back to the differences that separate us - let's not be silly. Not everyone works and not all work responds to the same logic or dynamics, we know. But, in the light of an era that squeezes and survives disgustingly inside the corpse of so-called post-capitalism, work has long gone beyond the well-demarcated boundaries of offices, commercial environments and the like. It is everywhere and everywhere, and often very close to us: in our pockets, purses, and the like.

We work all the time, this is a fact. From the inevitable moment when we check the supposedly "essential" notifications from our smartphones as soon as we wake up until the last moment when we declare the Herculean journey of another fast day in the digital ecosystem we inhabit, over, we are working. We rarely stop and pause our brains and bodies which, understandably, come to eerily resemble each other: stunted skeletons tangled up in synapses of wireless wires. Confusion and anguish, fear and loathing, taking us all; we, docile human-robotic structures, obediently serving the machines that – look, how curious!?! – we created it ourselves. Or they created, come on, in the endless darkness of silicon valleys and silences, where 24/7 time is the only possible regime.

Evidences and ironies aside, Superaquecidas, Sofia Caesar's first solo exhibition at the Cavalo gallery, in Rio de Janeiro, investigates such phenomena in a unique way, through somewhat peculiar and not mushy critical reading keys and amplitudes. What Caesar presents to us is a strong set of works that deal with the back issue of his research and artistic practice: the body. In its most diverse states and modulations - activity/passivity, action/leisure - the artist investigates unsuspected articulations between the human body and technology. These relationships, even if unnoticed, we are constantly exercising in our daily lives.

In the video installation that gives the show its title, four TV monitors simultaneously show small films made by the artist in collaboration with performers and choreographers from Rio de Janeiro, retracing her own training in the field of dance. If the quartet of scenes seems, at first glance, to be snapshots of everyday life, we gradually come to witness a borderline and cathartic situation. you succumb to the excessive temperature of the domestic environment in which they are working. In a kind of bizarre communion caused by the torpor of the heat, we see both human bodies and the machines themselves perform together an errant choreography of fusion and binding, a strange upside-down dance as a result of the attraction of thermal energy. Fusion and hornyness, repulsion and fear: perhaps the bitter taste in the mouth of those who cry out for a drop of water amid the urban desert of cement, concrete and date clouds? But, also, third exits; Unexpected escape lines within each performance, sometimes suggesting a subversion of roles between dominad_r and dominated_. Who controls who, in this game, anyway?

For at least two decades, we know, we have been going through (and are being crossed by) inevitable mutations with harmful effects, today digested little by little by different spheres of contemporary thought. From the PC to the Macintosh, from Windows to Apple, from iPhones to the hideous clocks that measure all sorts of bodily stimuli, we are constantly monitored, watched and regulated by machines of all sorts and sizes. Increasingly seductive and slender, on brilliant canvases whose size and colors surpass even the capacity of the human optical apparatus. In other words: we are fucked and this is nothing new.

And it goes beyond this vile diagnosis on which Sofia Caesar's work is fed. In a series of photographs displayed linearly in the second room of the exhibition space, it is the artist herself who stumbles and ironically seeks different possible positions to sit in front of her computer. Annoyed by the absurd hours we spend fixated on the machines, Caesar assumes postures that sometimes border on contortion and sometimes evoke a certain erotic dimension. After all, what do we want from machines and what do they want from us?

Between irresolution and doubt, perhaps the artist's works that most point to a liberating path (?) are the mobiles made from different fragments of smartphones, the small creatures that insist on inhabiting our pockets, hands, headboards, ears, waistlines and more holes. (As I write, by the way, I wonder where mine is, what whistles he may have played in this short intermission of writing, while I look at another machine, this one I write on, an older and more competent sister than the little one- - wicked 2020s mobile phone).

Dismembered, shattered and - finally! - useless, the various fragments of different models of cell phones hover over space hanging from metallic structures, some at eye level and others almost suspended like clouds (empty, anyway) over our heads. Here there is no invitation for the body to relate to these pieces, with these electronic devices now in disuse and without any function to play in our lives. Do we look at them, who knows, with disconcerting nostalgia? We silently look back on our lives, we briefly recall our brains and bodies before the inescapable hecatomb of the digital world that today surrounds and suffocates us. We sketch small smiles, perhaps, in front of these works. But nothing will last long – soon we will be interrupted by something vibrating in some corner of our skeletons. Hello? Hello, hello, Martian? Hey! Here who (still) talks... errr... is from Earth!?*

*Reference to Brazilian composer and singer Elis Regina's song "Alô alô Marciano".